

USO DE INSTRUMENTOS PSICOLÓGICOS DE AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO INFANTIL: ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA¹

Juliane Callegaro Borsa² – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil
Denise Ruschel Bandeira – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

RESUMO

O presente artigo relata um levantamento de instrumentos de avaliação de comportamentos agressivos de crianças que estão sendo utilizados em estudos brasileiros. A partir dos critérios de inclusão/exclusão, foram analisados 25 artigos brasileiros, publicados nas duas últimas décadas e disponíveis na Biblioteca Virtual de Psicologia (BVS-Psi). Os resultados apontam para a escassez de estudos sobre avaliação de comportamentos agressivos na literatura nacional. Poucos utilizam instrumentos que discriminam o comportamento agressivo quanto à sua etiologia e à sua manifestação. Aponta-se para a necessidade de novos instrumentos adaptados e validados, além de novos estudos que permitam a compreensão e a avaliação dos comportamentos agressivos de crianças por meio de instrumentos válidos para o contexto brasileiro.

Palavras-Chave: avaliação psicológica, comportamentos agressivos, crianças.

THE USE OF PSYCHOLOGICAL MEASURES OF CHILD AGGRESSIVE BEHAVIOR: ANALYSIS OF BRAZILIAN SCIENTIFIC PRODUCTION

ABSTRACT

This study reports a review about instruments of evaluation of aggressive behavior, used in Brazilian studies. Considering the inclusion/exclusion criteria adopted, 25 Brazilian papers published in the last two decades and available at the Psychology Virtual Library were analyzed. The results point to the scarcity of studies on the assessment of aggressive behavior in the national literature. Few studies use instruments which discriminates the aggressive behavior as to its etiology and manifestation. The necessity of adaptation and validation of new instruments, and new studies to the understanding and assessment of aggressive behavior through valid instruments for the Brazilian context are pointed out.

Keywords: psychological assessment, aggressive behavior, children.

O comportamento agressivo de crianças é um tema que vem ganhando espaço na Psicologia, resultando na significativa intensificação da discussão científica sobre o tema. Tal ênfase ocorre, sobretudo, porque se trata de um problema comumente enfrentado por crianças e adolescentes em todo o mundo (Anderson & Bushman, 2002; Szelbracikowski & Dessen, 2005; Miller & Lynam, 2006).

O conceito de comportamento agressivo é definido pela literatura como aquele que visa, intencionalmente, causar algum dano a alguém ou alguma coisa (Björkqvist, 1994; Coie & Dodge, 1998; Dodge & Coie, 1987; Sisto, 2005). A presença de comportamentos agressivos na infância está associada a diversos problemas, tais como, dificuldades de aprendizagem, dificuldade de adaptação no contexto escolar e pode ser um fator preditor para problemas futuros, tais como, condutas desadaptativas, evasão escolar, comportamentos delinquentes, rejeição e dificuldade de ajustamento com pares, sintomas de depressão e de ansiedade, solidão e impulsividade (Chen, Chen, Wang, & Liu, 2002; Ladd & Burgess, 1999).

Estudos sobre o comportamento agressivo na infância são relevantes na medida em que torna-se possível compreender e contextualizar estes comportamentos a partir das diferentes variáveis envolvidas. Para tal objetivo, é fundamental que existam instrumentos que permitam o diagnóstico adequado dos comportamentos agressivos na

¹ Apoio Financeiro do CNPq (bolsa de doutorado). Estudo oriundo da tese de doutorado da primeira autora, intitulada *Adaptação e Validação do Questionário CAP - Comportamenti Aggressivi Tra Pari: Um Estudo Transcultural sobre Agressividade Infantil*, realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul orientada pela Profa. Dra. Denise Ruschel Bandeira, co-autora deste artigo.

² Endereço para correspondência:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Ramiro Barcelos, 2600, sala 101 – 90035-003 – Bairro Santa Cecília – Porto Alegre-RS
E-mail: juliborsa@gmail.com

infância. Os instrumentos padronizados (escalas, *checklists*, inventários etc.) são comumente utilizados, pois são menos dispendiosos e rápidos de aplicar (Raine & cols., 2006; Sisto, 2005).

Diversos instrumentos têm sido utilizados na literatura internacional para a avaliação de comportamentos agressivos (Farmer & Aman, 2010). Dentre eles, a mais utilizada é a *Teacher-Report Scale* (Dodge & Coie, 1987), escala breve composta por seis itens (três para avaliar comportamentos agressivos proativos e três para avaliar os comportamentos agressivos reativos). Outras escalas comumente citadas na literatura são: *Revised Teacher Rating Scale of Reactive Aggression and Proactive Aggression* (Brown e Cols., 1996); *The Children's Aggression Scale* (CAS – Halperin, McKay, Grayson, & Newcorn, 2003); *The Children's Scale of Hostility and Aggression: Reactive/Proactive* (C-SHARP – Farmer & Aman, 2010) e *The Parent-Rating Scale Reactive and Proactive Aggression* (PRPA – Kempes & cols., 2006), entre outras. Já no contexto brasileiro, tais instrumentos ainda são escassos, em que pese a crescente demanda por investigações sobre esse tema. Tal fato pode servir como um fator motivador para novos estudos na área.

Diante dessa realidade, entende-se como relevante a investigação sobre a contribuição da pesquisa brasileira em Psicologia relativa à avaliação de comportamentos agressivos. Sabe-se que vários instrumentos são utilizados em pesquisa e os mesmos não se encontram disponíveis nas editoras de testes psicológicos. A fim de favorecer esse conhecimento aos psicólogos interessados no tema, o presente artigo teve por objetivo realizar um levantamento dos instrumentos de avaliação de comportamentos agressivos de crianças que estão sendo utilizados nos estudos brasileiros.

MÉTODO

A produção analisada foi constituída por artigos de periódicos brasileiros de Psicologia e áreas correlatas, compreendidos num intervalo de vinte anos (entre 1990 e 2010) e que estavam disponíveis na Biblioteca Virtual de Psicologia – BVS-Psi (www.bvs-psi.org.br). A BVS-Psi é composta por diferentes bases de dados, dentre elas a Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *The Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e os Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC).

Procedimentos de coleta e critérios de seleção dos artigos

A busca bibliográfica foi realizada nos meses de maio e junho de 2010. Para efetuar a busca, foi utilizado, em um primeiro momento, o descritor 'agress' para rastrear os artigos sobre comportamentos agressivos indexados nas referidas bases de dados. O termo 'agress' foi utilizado em conjunto com os símbolos de truncagem para pesquisar as palavras com o mesmo radical ou raiz (ex.: agressividade, agressor, agressão etc.). Com apenas esse descritor, foram recuperados mais de três mil artigos nas três bases de dados.

Considerando o grande número de artigos optou-se por refinar a busca, utilizando em conjunto com o descritor 'agress' os descritores 'avaliação', 'instrumento', 'teste', 'escala', 'inventário', 'questionário' ou 'medida'. Por meio do cruzamento desses descritores, foram encontrados 122 artigos brasileiros, não repetidos, e que avaliaram, dentre outras características, os comportamentos agressivos por meio de instrumentos psicológicos.

Finalmente, como última etapa da seleção, foi realizado um refinamento desses artigos, tendo como foco os estudos brasileiros que utilizam instrumentos psicológicos para avaliar comportamentos agressivos de crianças e adolescentes. Por meio de uma análise qualitativa dos resumos, foram selecionados, apenas, aqueles que atendiam aos seguintes critérios: 1) possuir como objetivo principal ou secundário a avaliação dos comportamentos agressivos; 2) contar com crianças ou com crianças e adolescentes como sujeitos da investigação e 3) utilizar instrumentos psicométricos ou projetivos de avaliação de comportamentos agressivos. Ao final dessa análise, obteve-se o total de 25 artigos. Os estudos referidos em mais de uma base de dados foram computados apenas uma vez. Para essa etapa, contou-se com a ajuda de três juízes psicólogos que realizaram uma análise qualitativa dos artigos, selecionando, por consenso, aqueles que atendiam aos três critérios supracitados.

Foram excluídos, por exemplo, os artigos cujo objetivo consistia em avaliar outros aspectos ou características psicológicas que não o comportamento agressivo, como é o caso dos estudos sobre práticas educativas parentais, abuso sexual infantil, comportamento sexual de risco, violência conjugal, estudos sobre estratégias de *coping* e resiliência. Não foram considerados os artigos que utilizaram outras técnicas psicológicas,

como é o caso das entrevistas, das técnicas de observação, de filmagens, de redações etc. Foram excluídos os artigos que contavam com amostra de adolescentes, apenas, ou adolescentes e adultos. Finalmente, foram excluídos aqueles que utilizaram instrumentos de avaliação de comportamento, mas que não consideraram os comportamentos agressivos em suas análises.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme já mencionado, foram selecionados 25 artigos, não repetidos, publicados nas últimas duas décadas, que utilizaram instrumentos psicométricos e/ou projetivos e que tinham como objetivo principal ou secundário avaliar os comportamentos agressivos de crianças e adolescentes. Os artigos serão apresentados a seguir, conforme nove categorias de análise, criadas pelas autoras, *a posteriori*, a partir de uma primeira leitura de todos os artigos e levando em conta o objetivo deste estudo. Todos os procedimentos de filtragem dos artigos selecionados foram realizados tendo por critério o objetivo principal do estudo.

Ano de publicação

Em relação ao ano de publicação, observou-se que apenas um artigo foi publicado antes de 2000, o que indica um crescimento no interesse pela avaliação dos comportamentos agressivos na última década. Os problemas de comportamento na infância têm sido foco dos pesquisadores, especialmente os problemas de tipo externalizante, como é o caso dos comportamentos agressivos. Investigações sobre comportamentos agressivos entre pares vêm aumentando, juntamente com a crescente demanda por instrumentos eficazes de avaliação (Anderson & Bushman, 2002; Szelbracikowski & Dessen, 2005).

Objetivo do estudo

Conforme analisado, predominaram os estudos de correlação entre comportamento agressivo e comorbidades físicas (28%). Os estudos com o objetivo de estabelecer associações entre comportamento agressivo e características sociodemográficas, como idade, sexo, tipo de escola (pública ou privada) corresponderam a 24% dos estudos. Investigações sobre comportamento agressivo e sua associação com desempenho escolar corresponderam a 20% do total dos estudos (Tabela 1). Alguns estudos apresentaram mais de um objetivo.

Tabela 1. Classificação dos estudos brasileiros em relação aos objetivos (N = 39) Continua

Foco	Descrição dos objetivos dos estudos	N
Comorbidades Físicas	Relação entre os comportamentos agressivos e doenças crônicas na infância	7
Características Sociodemográficas	Relação entre os comportamentos agressivos e características como gênero, idade etc.	6
Desempenho Escolar	Relacionam os comportamentos agressivos e as dificuldades de aprendizagem	5
Características de Personalidade	Relaciona os comportamentos agressivos com características de personalidade	4
Aspectos Culturais	Verifica a relação entre cultura e a manifestação dos comportamentos agressivos	4
Interação entre Pares	Avalia o impacto dos comportamentos agressivos na qualidade de interação entre os pares	3
Estudo do Instrumento	Análise das propriedades psicométricas e de conteúdo do instrumento	2
Comorbidades Psicológicas	Relaciona os comportamentos agressivos e outras psicopatologias	2
Interação Familiar	Relaciona comportamentos agressivos com os padrões de interação familiar	2
Comportamentos de Risco	Analisa a relação entre comportamentos agressivos e a predisposição à exposição ao risco	1

Tabela 1. Classificação dos estudos brasileiros em relação aos objetivos		Continuação
Foco	Descrição dos objetivos dos estudos	N
Problemas de Linguagem	Relaciona os comportamentos agressivos e os problemas no desenvolvimento da linguagem	1
Efetividade terapêutica	Compreende o processo terapêutico como um agente modificador do comportamento agressivo	1
Construção ou adaptação do instrumento	Visa construir e adaptar um instrumento de avaliação de comportamentos agressivos	1

* Alguns estudos apresentam mais de um objetivo.

Existe grande interesse por parte da literatura em investigar a prevalência de problemas agressivos e problemas de comportamento em geral com doenças crônicas em crianças. Alguns estudos apontaram que crianças com algum tipo de sintoma físico persistente podem apresentar dificuldades emocionais e afetivas, bem como problemas de comportamento e de interação social (Mesquita & cols., 2010; Salomão Junior & cols., 2008).

Estudos têm investigado, também, a relação entre os aspectos sócio-demográficos e os comportamentos agressivos na infância. A manifestação dos comportamentos agressivos pode variar de acordo com a idade e o gênero da criança. Via de regra, meninos são percebidos como mais agressivos que as meninas e apresentam mais problemas de comportamento (Mesman, Bongers & Koot, 2001). Quanto à idade, sabe-se que esses comportamentos comumente aparecem após o período pré-escolar, evoluindo gradativamente ao longo dos anos. Além disso, crianças tendem a modificar a forma de manifestação dos comportamentos agressivos na medida em que também modificam suas habilidades (Leme, 2004).

No que se refere à relação entre comportamentos agressivos e desempenho escolar, estudos apontam maior índice destes comportamentos em crianças com dificuldades de aprendizagem. Nesse sentido, ressalta-se a importância do conhecimento dos aspectos emocionais relacionados ao processo de aprendizagem, no sentido de se obter uma melhor compreensão do fenômeno (Sisto & Fernandes, 2004).

O contexto familiar e os aspectos socioculturais são alguns dos fatores que apresentam forte relação com problemas de comportamento em geral (Maldonado & Williams, 2005; Olson, Bates, Sandy & Lanthier, 2000). Os aspectos emocionais e as características da personalidade também influenciam no comportamento, uma vez que interferem na forma com que o indivíduo interpreta os acontecimentos

(Miller & Lynam, 2006). No que se refere à origem dos comportamentos agressivos, investigações apontam para uma concepção multifatorial, em que características internas e externas estão envolvidas. Os estudos recuperados apresentaram diferentes associações entre o comportamento agressivo e as possíveis variáveis de correlação.

Características dos participantes

Em relação à idade dos participantes, predominaram os estudos realizados com crianças em idade escolar, de 6 anos a 12 anos (40%). Estudos com adolescentes (acima de 12 anos) corresponderam a 16% da amostra. Os estudos que contaram em sua amostra com crianças e adolescentes corresponderam a 36%. Percebe-se que estudos para avaliar comportamentos agressivos em pré-escolares são escassos, o que corrobora os dados da literatura (Anselmi & Cols., 2004). Do total de estudos analisados, apenas dois consideraram crianças pré-escolares em suas amostras.

Em relação ao sexo dos participantes, 88% contaram com amostras de meninos e meninas (n=22) e 12% contaram apenas com meninos (n=3). A escolha por avaliar apenas meninos pode ter relação com a alta prevalência de problemas de comportamento neste público. Sabe-se que meninos apresentam, com maior frequência, comportamentos agressivos e opostos, também denominados problemas de comportamento. Em geral, os estudos não discriminam o gênero ao avaliar os diferentes tipos de problemas de comportamento. Tal aspecto é relevante, uma vez que a literatura aponta diferenças de gênero, sobretudo no que se refere à forma de manifestação e frequência dos comportamentos agressivos (Mesman, Bongers & Koot, 2001).

Tamanho da amostra

As amostras utilizadas nos estudos apresentaram variações significativas. Dos estudos, 36% utilizaram amostras iguais ou menores que 50

sujeitos (n = 9). Amostras entre 51 e 499 sujeitos corresponderam a 24% dos casos (n = 6). Amostras entre 500 e 1000 sujeitos foram encontradas em 20% dos casos (n = 5) e amostras com mais de 1000 sujeitos foram encontradas em 16% dos estudos analisados (n = 4). Um estudo (4%) não especificou o número de sujeitos da amostra utilizada.

Observa-se que os estudos que contaram com grande número de sujeitos não resultaram, necessariamente, em análises de dados aprofundadas. Em que pese o uso de grandes amostras, a falta de análises estatísticas avançadas ainda se mantém como uma característica dos estudos da Psicologia. Verifica-se, também, que mesmo nos estudos com poucos sujeitos não existe descrição qualitativa dos dados. O tamanho da amostra, nos estudos analisados, pareceu estar relacionado a um critério de conveniência ou de facilidade de acesso aos sujeitos.

Contexto de aplicação dos instrumentos

Quanto ao contexto de aplicação dos instrumentos, verificou-se que 64% foram realizados em escolas (públicas e privadas). Hospitais e clínicas de saúde corresponderam a 24% dos locais de coleta

dos dados. Os demais locais foram clínicas-escola e instituições socioeducativas. O grande número de estudos realizados em contexto escolar pode estar relacionado com a facilidade em coletar dados, em sala de aula e coletivamente. Além disso, sabe-se que a escola é o local onde os comportamentos agressivos são mais comumente relatados (Olweus, 1993).

Tipo de instrumento utilizado

Quanto ao tipo de instrumento, 56% dos estudos não utilizaram instrumentos específicos para avaliação dos comportamentos agressivos. Em outras palavras, esses instrumentos avaliaram problemas de comportamento e de competências sociais de uma maneira ampla, sem avaliar os comportamentos agressivos, especificamente.

Dentre os instrumentos, o *Child Behavior Checklist* (CBCL – Achenbach, 1991; 2001) foi utilizado em 32% dos estudos (n = 8). O segundo instrumento mais frequentemente citado (20% n = 5) foi a Escala de Agressividade para Crianças e Jovens (Sisto & Bazi, 2000). A Tabela 2 apresenta os instrumentos utilizados e suas principais características, lembrando que um dos estudos utilizou mais de um instrumento.

Tabela 2. Instrumentos utilizados nos estudos (N = 26)

Instrumento	Objetivo	N	Referências	Continua
<i>Child Behavior Checklist</i> (CBCL – Achenbach, 1991/2001)	Avaliar os problemas de comportamento de crianças e adolescentes a partir da resposta dos cuidadores	8	Gutt, e Cols. (2008); Uema, Vidal, Fujita, Moreira, Pignatari & Fontes Neto e Cols. (2005); Predemônico, Venske, Duarte & Succi (2000); Garzuzi e Cols. (2009); Mesquita e Cols. (2010); Pacheco (2003); Elias & Marturano (2005)	
Escala de Agressividade para crianças e jovens (Sisto & Bazi, 2000)	Avaliar os comportamentos agressivos de crianças no ambiente escolar e familiar	5	Sisto (2005); Sisto (2003); Sisto & Fernandes (2004); Sisto & Oliveira (2007); Joly, Dias & Marini (2009).	
Escala Comportamental de Rutter A2 (ECI – versão adaptada por Graminha, 1994)	Avaliar problemas de saúde, hábitos e problemas de comportamento infantis	3	Ferreira & Marturano (2002); Graminha (1996) Elias & Marturano (2005)	
Escala de percepção por professores, dos comportamentos agressivos de crianças na escola (Lisboa & Koller, 2001)	Avaliar os comportamentos agressivos da criança na escola	2	Lisboa & Koller (2001); Maldonado & Williams (2005)	
<i>Revised Class Play</i> (RCP - Masten, Morison & Pellegrini, 1985)	Avaliar as competências sociais de crianças por meio da resposta dos pares	2	Pizzinato, A, & Sarriera, J.C. (2003); Pizzinato, A, & Sarriera, J.C. (2004)	
Questionário do Comportamento Agressivo (Buss & Perry, 1999)	Avaliar os comportamentos agressivos a partir dos critérios: agressão física, agressão verbal, raiva e hostilidade	1	Formiga, Cavalcante, Araújo, Lima, & Santana, (2007)	

Tabela 2. Instrumentos utilizados nos estudos (N = 26)

Instrumento	Objetivo	N	Referências
Questionário do <i>Center for Disease Control and Prevention</i> (CDC, 1995)	Investigar o comportamento no trânsito; agressão contra si ou terceiros; consumo de substâncias tóxicas, entre outros	1	Sena & Colares (2008)
Escala de Crenças Normativas sobre Agressão (NOBAGS - Huesmann & Guerra, 1997)	Mensurar a percepção de crianças, adolescentes e jovens adultos sobre comportamentos agressivos em variadas condições de provocação	1	Sousa Filho, Araújo, Lima, & Sousa (2005)
<i>Teacher Report Form</i> (TRF - Achenbach, 1991/2001)	Avaliar os problemas de comportamento de crianças e adolescentes a partir da percepção do professor	1	Picado & Rose (2009)
Inventário de Expressão de Raiva como Estado e Traço (STAXI - Spielberger, 1992)	Fornecer medidas referentes à experiência e expressão da raiva	1	Guimarães & Pasian (2006).
<i>Children's Action Tendency Scale</i> (CATS - Deluty, 1979)	Descrever situações de conflito interpessoal, acompanhadas de três tipos de resolução - agressiva, submissa e assertiva	1	Leme (2004)

* Um estudo utilizou mais de um instrumento.

Ao analisar a diversidade de instrumentos utilizados para avaliar comportamentos agressivos, observa-se que os autores tenderam a se manter fiéis aos instrumentos adaptados por eles. Um exemplo se refere à Escala de Agressividade para Crianças e Jovens (Sisto & Bazi, 2000), a qual foi utilizada em três estudos subsequentes desenvolvidos pelo autor do instrumento (Sisto, 2005; Sisto & Fernandes, 2004; Sisto & Oliveira, 2007). Além disso, observa-se o uso de instrumentos não validados para o contexto brasileiro, como é o caso do CBCL. Tal aspecto merece atenção, pois pode prejudicar a validade dos dados obtidos, uma vez que, para uma investigação ser considerada válida, é necessária a adequação do processo de coleta, sobretudo do instrumento utilizado (Reichenheim & Moraes, 1998).

O CBCL (Achenbach, 1991; 2001), instrumento mais utilizado nos estudos (n = 8), é dos mais citados na literatura mundial pelo rigor metodológico da sua elaboração, pela sua utilização em pesquisas transculturais e por retratar os principais problemas de comportamento e a competência social na infância e na adolescência (Bandeira, Borsa, Arteche & Sebaginazi, 2010; Borsa & Nunes, 2008). Observou-se, contudo, que não existe um padrão quanto à versão utilizada do instrumento. Parte dos estudos (n=4) utilizou a versão de 1991 (para faixa etária de 4 a 18 anos), enquanto outros (n=4) utilizaram a versão de 2001 (destinada a jovens de 6 a 18).

Características dos Instrumentos

Quanto às características, todos os instrumentos utilizados eram padronizados, sendo 10 instrumentos objetivos (de caráter nomotético, em que números descrevem os fenômenos psicológicos) e um instrumento cujas características não estavam especificadas. No que se refere à forma de aplicação, 52% foram aplicados coletivamente e 44% individualmente. Um estudo (4%) não apresentou especificações quanto a sua forma de aplicação. Finalmente, quanto à forma de resposta, predominaram as escalas politômicas ou do tipo likert (52%), caracterizadas por medir a concordância frente a uma afirmação ou item, de acordo com níveis de respostas. Instrumentos de respostas dicotômicas (24%) e nominal (8%) também foram encontrados. Em 16% dos casos, a forma de resposta não foi apresentada.

A maior parte dos estudos analisados (68%; n=17) não trazia nenhum tipo de informação sobre as propriedades psicométricas dos instrumentos. Informações sobre consistência interna dos itens foram apresentadas em 24% dos artigos. Apenas 8% dos estudos informaram dados oriundos de análises fatoriais e/ou correlações entre fatores dos instrumentos. Dentre eles, um estudo apresentou informações sobre concordância entre juízes quanto aos itens, uma vez que se tratava de um estudo de validação de conteúdo.

As escassas informações sobre as qualidades psicométricas dos instrumentos não é algo novo nas publicações em Psicologia, conforme apontam os estudos realizados por Noronha e colaboradores, sobre as características

psicométricas dos instrumentos psicológicos brasileiros (Noronha, 2002; Noronha & Alchieri, 2002). Tal resultado merece atenção, uma vez que um instrumento só é considerado adequado se atender a diferentes condições que atestem que este mede o que de fato se propõe a medir (Anastasi & Urbina, 2000).

Tipos de respondentes

Os estudos apresentaram instrumentos destinados a diferentes tipos de informantes. Prevaleram os instrumentos preenchidos pelos pais ou responsáveis (n=10) e autorrespondidos (n=10). Três estudos utilizaram instrumentos destinados aos professores e dois utilizaram instrumentos respondidos pelos pares.

Treutler e Epkins (2003) sugerem que pais e mães são os melhores informantes para avaliar problemas emocionais e de comportamento de crianças. Outros autores (Ollendick, Jarret, Wolff & Scarpa; 2008; Sisto, 2005) afirmam que a percepção de professores pode não ser precisa, indicando que instrumentos de autorrelato podem ser mais indicados para se analisar os comportamentos agressivos das crianças. O comportamento agressivo é uma variável de difícil definição e de complexa avaliação. Essa avaliação é particularmente mais complexa quando baseada nas informações fornecidas por outros observadores (pais, professores ou pares). Geralmente, nesses casos, a avaliação é realizada com base na observação de um fragmento do comportamento da criança. Apesar das vantagens dos instrumentos de autorrelato, Patterson, Kupersmidt e Griseler (1990) apontam que as crianças não são as mais indicadas para responderem sobre si mesmas, na medida em que podem apresentar alto nível de desejabilidade social em suas respostas.

Tipos de comportamento agressivo avaliado

Os comportamentos agressivos podem variar de acordo com a motivação e quanto à forma de manifestação. No que se refere à motivação, os comportamentos agressivos podem ser proativos (agressão em prol de um objetivo instrumental) ou reativos (resposta frente a uma provocação). Ao analisar os artigos, verificou-se que nenhum utilizou qualquer tipo de discriminação quanto à motivação dos comportamentos agressivos (Coie & Dodge, 1998).

Em relação à manifestação dos comportamentos agressivos, 76% dos estudos (n=19) não realizaram qualquer tipo de

identificação ou distinção quanto às suas diferentes formas de manifestação. Do total de artigos, 20% (n=5) discriminaram os comportamentos agressivos quanto ao ambiente de manifestação (escola e contexto familiar). Um estudo discriminou a agressividade verbal e física (n=4%) e dois (n=8%) discriminaram os comportamentos agressivos quanto ao objeto (professores e pares) e quanto à sua forma de manifestação (confrontativa e não-confrontativa). É importante salientar que um mesmo instrumento pode avaliar, simultaneamente, a forma do comportamento agressivo (físico ou verbal, confrontativo ou não-confrontativo), o contexto (escola, família etc.) e a vítima da agressão (professores, pares, irmãos etc.).

Um dos motivos para que os artigos não realizem tal distinção é o fato de que grande parte deles utiliza o CBCL como instrumento para medir os problemas de comportamento. Este instrumento não discrimina os comportamentos agressivos, nem quanto à motivação, nem quanto à manifestação. Apresenta oito escalas individuais que correspondem a diferentes problemas de comportamento. Dentre essas escalas, uma se refere aos problemas de comportamentos agressivos, categorizado como um problema de caráter externalizante (Bandeira & cols, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um primeiro aspecto importante a ser considerado, refere-se às características dos artigos recuperados ao longo desta pesquisa. Verifica-se que, em geral, os resumos são pouco claros e insuficientes para a compreensão dos objetivos e resultados. O mesmo ocorre com os descritores os quais, muitas vezes, não retratam o conteúdo dos estudos. Tais aspectos dificultaram o processo de pesquisa e leitura e entende-se que esta dificuldade, muitas vezes, é vivenciada pelos profissionais que recorrem às bases de dados para efetuarem suas buscas.

Constata-se que são poucos os estudos que têm por objetivo avaliar os comportamentos agressivos em crianças, embora tenha havido um aumento importante no número de publicações nas duas últimas décadas. Tal aspecto também deve ser compreendido com cautela, uma vez que a publicação de artigos em bases de dados online é um fenômeno relativamente recente. Todavia, tal resultado é interessante, uma vez que os estudos em psicologia do desenvolvimento (área em que a avaliação psicológica infantil está comumente

inserida) vêm crescendo no cenário brasileiro, conforme aponta estudo realizado por Souza, Gauer e Hutz (2004).

Quanto à amostra analisada, percebe-se que predominam os estudos quantitativos e de caráter descritivo, sendo a Psicologia a área que mais investigou os comportamentos agressivos por meio de instrumentos. Tais dados estão relacionados às características da busca, que focou os instrumentos de avaliação psicológica que, em sua maioria, são de uso do psicólogo. A maior parte dos estudos que avaliam os comportamentos agressivos refere-se a métodos pouco sistematizados de avaliação ou compreensão destes comportamentos. São poucos os estudos que discriminam o comportamento agressivo quanto a sua origem e manifestação, como é o caso do CBCL, instrumento mais citado.

Outro aspecto importante refere-se à falta de informações sobre as características dos instrumentos que, em geral, se limitam a explicar a forma de aplicação e o tipo de respondente. Quanto às propriedades psicométricas, poucas informações são trazidas. A adequação dos instrumentos é definida, pelos autores dos estudos, *a priori*. Poucos são os estudos que apresentaram novas análises psicométricas que permitissem verificar a adequação da medida para a nova amostra. Mesmo que os instrumentos apresentem propriedades psicométricas satisfatórias nos estudos originais, tais resultados não podem ser generalizados para os demais estudos. Entende-se que análises posteriores são necessárias, para que se possa verificar a qualidade do instrumento naquela amostra e contexto específicos.

Finalmente, entende-se que estudos sobre comportamentos agressivos ainda são escassos na literatura nacional, se comparados ao grande número de publicações internacionais sobre o tema. Esse fato é refletido na escassez de instrumentos brasileiros para avaliar tal construto. Assim, tornam-se relevantes novos estudos que tenham como objetivo avaliar e discriminar os comportamentos agressivos infantis, na medida em que apresentam, conforme a literatura, origem e objetos distintos.

REFERÊNCIAS

- Achenbach T. M. (1991). *Manual for the Child Behavior Checklist/4-18 and 1991 Profile*. Burlington, VT: University of Vermont, Department of Psychiatry.
- Achenbach T. M. (2001). *Manual for the Child Behavior Checklist/6-18 and 2001 Profile*. Burlington: University of Vermont, Department of Psychiatry.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Anderson, C. A. & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology*, 53, 27-51.
- Anselmi, L., Piccinini, C. A., Barros, F. C. & Lopes, R. S. (2004). Psychosocial determinants of behavior problems in Brazilian preschool children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45(4), 779-788.
- Bandeira, D. R., Borsa, J. B., Arteché, A. X. & Segabinazi, J. D. (2010). Avaliação de problemas de comportamento infantil através do Child Behavior Checklist (CBCL). Em C. S. Hutz, (Org.). *Avanços em Avaliação Psicológica e Neuropsicológica de crianças e adolescentes* (pp. 101-122). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bjorkqvist, K. (1994). Sex differences in physical, verbal, and indirect aggression: A review of recent research. *Sex Roles* 30, 177-188.
- Borsa, J. B. & Nunes, M. L. T. (2008). Concordância parental sobre problemas de comportamento infantil através do CBCL. *Paidéia*, 18(40), 317-330.
- Chen, X., Chen, L. Wang, L. & Liu, M. (2002). Noncompliance and childrearing-attitudes as predictors of aggressive behaviour: A longitudinal study in Chinese children. *International Journal of Behavioral Development*, 26, 225-233.
- Coie, J. D. & Dodge, K. A. (1998). Aggression and antisocial behavior. Em W. Damon & N. Eisenberg (Orgs.). *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development* (pp. 779-862). Toronto: Wiley.
- Dodge, K. A. & Coie, J. D. (1987). Social-information-processing factors in reactive and proactive aggression in children's peer groups. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, 1146-1158.
- Elias, L. C. S. & Marturano, E. M. (2005). Oficinas de linguagem: proposta de atendimento

- psicopedagógico para crianças com queixas escolares. *Estudos de Psicologia*, 10(1), 53-61.
- Farmer, C. & Aman, M. (2010). Psychometric properties of the Children's Scale of Hostility and Aggression (C-SHARP). *Research in Developmental Disabilities*, 31, 270-280.
- Ferreira, M. C. T. & Marturano, E. M. (2002). Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 35-44.
- Fontes Neto, P. T. L., Weber, M. B., Fortes, S. D., Cestari, T. F., Escobar, G. F., Mazotti, N., Barzenski, B., Silva, T. L., Soirefmann, M. & Pratti, C. (2005). Avaliação dos sintomas emocionais e comportamentais em crianças portadoras de dermatite atópica. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 27(3), 279-291.
- Formiga, N. S., Cavalcante, C. P., Araújo, T. T. V., Lima, S. & Santana, R. (2007). Comportamento agressivo e busca de sensação em jovens. *Psicologia e Argumento*, 25(50), 289-302.
- Kempes, M., Matthys, W., Maassen, G. & van Engeland, H. (2006). A parent questionnaire for distinguishing between reactive and proactive aggression in children. *European Child and Adolescent Psychiatry* 15, 38-45.
- Garzuzi, Y., Carreiro, L. R. R. C., Schwartzman, J. S., Mesquita, M. L. G., Palma, D., Lopez, F. A., Moraes, D. E. B., Macedo, E. C. & Teixeira, M. C. T. V. (2009). Perfil comportamental de crianças e adolescentes com síndrome de Prader-Willi e obesidade exógena. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(1), 167-178.
- Graminha, S. S. V. (1996). Problemas emocionais/comportamentais e nível de escolaridade da criança. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 48(3), 16-29.
- Guimarães, N. M. & Pasian, S. R. (2006). Agressividade na adolescência: experiência e expressão da raiva. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 89-97.
- Gutt, E. K., Petresco, S., Krelling, R., Busatto, G. F., Bordin, I. A. S. & Lotufo-Neto, F. (2008). *Revista Paulista Psiquiatria*, 30(2), 110-117.
- Joly, M. C. R. A., Dias, A. S. & Marini, J. A. A. (2009). Avaliação da agressividade na família e escola de ensino fundamental. *Psico-USF*, 14(1), 83-93.
- Ladd, G. & Burgess, K. (1999). Charting the relationship trajectories of aggressive, withdrawn and aggressive/withdrawn children during early grade school. *Child Development*, 70, 910-929.
- Leme, M. I. S. (2004). Resolução de conflitos interpessoais: interações entre cognição e afetividade na cultura. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 367-380.
- Lisboa, C. M. & Koller, S. H. (2001). Construção e validação de conteúdo da Escala de Percepção de Professores dos Comportamentos Agressivos de Crianças na Escola. *Psicologia em Estudo*, 6(1), 59-69.
- Little, T. D., Jones, S. M., Henrich, C. C. & Hawley, P. H. (2003). Disentangling the 'whys' from the 'whats' of aggressive behavior. *International Journal of Behavioral Development*, 27, 122-133.
- Maldonado, D. P. A. & Williams, L. C. A. (2005). O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 353-362.
- Marsee, M. A. & Frick, P. J. (2007). Exploring the cognitive and emotional correlates to proactive and reactive aggression in a sample of detained girls. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 35, 969-981.
- Mesman, J., Bongers, I. L. & Koot, H. M. (2001). Preschool developmental pathways to preadolescent internalizing and externalizing problems. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 42(5), 679-689.
- Mesquita, M. L. G., Brunoni, D., Pina Neto, J. M., Kim, C. A., Melo, M. H. S. & Teixeira, M. C. T. V. (2010). Fenótipo comportamental de crianças e adolescentes com síndrome de Prader-Willi. *Revista Paulista de Pediatria*, 28(1), 63-9.
- Miller, J. D. & Lynam, D. R. (2006). Reactive and proactive aggression: Similarities and differences. *Personality and Individual Differences*, 41, 1469-1480.

- Noronha, A. P. P. (2002). Análise de testes de personalidade: qualidade do material, das instruções, da documentação e dos itens qualidade de testes de personalidade. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 19(3), 55-65.
- Noronha, A. P. P. & Alchieri, J. C. (2002). Reflexões sobre os instrumentos de avaliação psicológica. Em R. Primi (Org.). *Temas em avaliação psicológica* (pp. 7-16). Campinas: Impressão Digital do Brasil Gráfica e Editora Ltda.
- Ollendick, T. H., Jarret, M. A., Wolff, J. C. & Scarpa, A. (2008). Reactive and Proactive Agression: Cross-informant agreement and the clinical utility of different informants. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 31(1), 51-29.
- Olson, S. L., Bates, J. E., Sandy, J. M. & Lanthier, R. (2000). Early developmental precursors of externalizing behavior in middle childhood and adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 28, 119-133.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. Londres: Lackwell.
- Pacheco, M. E. M. S., Vitalle, M. S. S., Montesano, F. T. & Predemônico, M. R. M. (2003). Problemas de comportamento em adolescentes: estudo exploratório em ambulatório de adolescência clínica. *Revista Paulista Pediatria*, 21(02), 76-81.
- Patterson, C. J., Kupersmidt, J. B. & Griseler, P. C. (1990) 'Children's perceptions of self and of relationships with others as a function of sociometric status'. *Child Development*, 61, 1335-1349.
- Picado, J. R. & Rose, T. M. S. (2009). Acompanhamento de pré-escolares agressivos: adaptação na escola e relação professor-aluno. *Psicologia Ciência e Profissão*, 29(1), 132-145.
- Pizzinato, A. & Sarriera, J. C. (2003). Competência social infantil: análise discriminante entre crianças imigrantes e não-imigrantes no contexto escolar de Porto Alegre. *Psicologia em Estudo*, 8(2), 115-122.
- Pizzinato, A. & Sarriera, J. C. (2004). Identidade étnico-nacional e competência social em escolas de Porto Alegre. *Aletheia*, 19, 7-20.
- Predemônico, M. R. M., Venske, S., Duarte, C. S. & Succi, R. C. M. (2000). Problemas de comportamento em filhos de mães portadoras de HIV. *A Folha Médica*, 119(2), 29-35.
- Raine, A., Dodge, K., Loeber, R., Kopp, L., Lynam, D., Reynolds, C., Loeber, M. & Liu, J. (2006). The reactive-proactive aggression (RPQ) questionnaire: Differential correlates of reactive and proactive in adolescent boys. *Aggressive Behavior*, 32, 159-171.
- Reichenheim, M. E. & Moraes C. L. (1998). Alguns pilares para a apreciação da validade de estudos epidemiológicos. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 1, 131-148.
- Salomão Junior, J. B., Miyazaki, M. C. O. S., Cordeiro, J. A., Domingos, N. A. M. & Valério, N. I. (2008). Asma, competência social e transtornos comportamentais em crianças e adolescentes. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25(2), 185-192.
- Sisto, F.F. (2005). Aceitação-rejeição para estudar e agressividade na escola. *Psicologia em Estudo*, 10(1), 117-125.
- Sisto, F. F. & Bazi, G. A. P. (2000). Escala de Agressividade para Crianças e Jovens (relatório técnico). Faculdade de Educação: UNICAMP.
- Sisto, F. F. & Fernandes, D. C. (2004). Dificuldades lingüísticas na aquisição da escrita e agressividade. *Psicologia Escolar e Educacional*, 8(1), 75-84.
- Sisto, F. F. & Oliveira, A. F. (2007). Traços de personalidade e agressividade: um estudo de evidência de validade. *PSIC - Vetor Editora*, 8(1), 89-99.
- Szelbrackowski, A. & Dessen, M. A. (2005). Compreendendo a agressão na perspectiva do desenvolvimento humano. Em M. A. Dessen & A. L. C. Junior (Orgs.). *A ciência do desenvolvimento: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 113-131). Porto Alegre: ArtMed.
- Souza, L. K., Gauer, G. & Hutz, C. S. (2004). Publicações em psicologia do desenvolvimento em dois periódicos nacionais na década de 1990. *Psico-USF*, 9(1), 49-57.
- Treutler, C. M. & Epkins, C. C. (2003). Are discrepancies among child, mother, and father reports on children's behavior related to

parents. psychological symptoms and aspects of parent-child relationships? *Journal of Abnormal Child Psychology*, 31, 13.27.

Recebido em agosto de 2010
Reformulado em maio de 2011
Aceito em julho de 2011

SOBRE AS AUTORAS

Juliane Callegaro Borsa: Psicóloga e mestre em Psicologia Clínica (PUCRS). Atualmente, é doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e bolsista CNPq. Possui experiência de estágio sanduiche no P.A.T. Psychometric Assessment and Testing (Università di Bologna, Itália). É integrante do Grupo de Estudo, Aplicação e Pesquisa em Avaliação Psicológica - GEAPAP/UFRGS e da equipe do Centro de Avaliação Psicológica CAP/UFRGS, onde atua como supervisora de estágios de graduação e especialização. Tem experiência na área de pesquisa em Psicologia e Psicologia aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: avaliação psicológica clínica e organizacional, testes projetivos e psicométricos e avaliação de problemas de comportamento na infância. Realiza pesquisas sobre adaptação, validação e aplicação de instrumentos de avaliação psicológica em diferentes contextos. Participa de estudo transcultural entre Brasil, Itália e Espanha sobre comportamentos agressivos na infância. É professora e supervisora de estágio do curso de Especialização em Avaliação Psicológica da UFRGS. Atua, também, como professora convidada em diferentes instituições de ensino, ministrando cursos, treinamentos e disciplinas nas áreas de Avaliação Psicológica.

Denise Ruschel Bandeira: Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1988), mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1991) e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Construção e Validade de Testes, Escalas e Outras Medidas Psicológicas, atuando principalmente nos seguintes temas: tradução e adaptação de instrumentos de avaliação psicológica, desenho da figura humana, crianças e adolescentes, stress e avaliação de programas sociais.

